

TECENDO FIOS SOBRE EDUCAÇÃO E IDENTIDADE NEGRA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Marinete da Frota Figueredo

Rede Municipal de Ensino do Município de Guanambi/BA
marinetefrota@hotmail.com

Elder Bruno Fernandes Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
eldergbi@hotmail.com

Leila Gracielle de Castro Paes

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
lgdcpgbi@gmail.com

Glaurea Nádia Borges de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
glaurea_nadia@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como proposta estimular o debate em torno do vínculo entre educação e identidade negra a partir de uma intervenção pedagógica realizada em uma escola da rede municipal de ensino de Guanambi/BA. Com situações de negação da identidade, de naturalização do racismo consubstanciadas em comportamentos notados em uma turma da escola, as ações desenvolvidas tiveram como objetivo instigar os/as alunos/as a pensar sobre estereótipos culturalmente enraizados e reproduzidos no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, foram realizados debates, dinâmicas, aulas expositivas e análise de pesquisas. Inicialmente, diante da naturalização do racismo e de sua omissão no processo educativo escolar, os/as alunos/as comportaram-se com expressões de surpresa, de embaraço e de resistência, demonstrando que lidar com essa problemática era insignificante. Porém, à medida que as discussões foram se desdobrando, eles/as começaram a pensar e a discutir o assunto. Assim, consideramos as ações desenvolvidas como um posicionamento a favor da reflexão sobre os estereótipos que delimitam fronteiras na construção da identidade negra e acreditamos que este debate carece de continuidade, pois a sua ressignificação alicerça-se em um processo que envolve uma prática político-pedagógica. Desta maneira, enquanto profissionais da educação, temos essa intervenção como fonte para um olhar mais atento acerca das questões étnico-raciais, sobretudo no que se refere à identidade negra no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação. Currículo. Identidade Negra.

Introdução

A educação, em seu sentido amplo, existiu desde sempre, a partir da família e de seus agrupamentos, que a constrói através de seus saberes voltados para a vivência em sociedade. Ao

nascer, a pessoa é inserida em um grupo social e cultural que se constitui como um alicerce formativo para ela.

Como construtora do nosso processo de humanização, a educação contempla-se por diversas formas e modelos. A escola, sendo a principal instituição responsável pela educação formal, considerando a sua dimensão, relacionada com a intensa partilha de saberes sistematizados, que se entrelaçam, por sua vez, com valores e crenças, possui grande importância social e cultural.

Defrontando-se com o paradoxo entre a democracia substantiva e as leis do mundo capitalista, a escola tem um papel significativo na formação do/a aluno/a e das suas relações com o mundo. A partir da construção, reprodução e ressignificação do conhecimento, científico ou não, ela deve proporcionar condições para o pensamento crítico quanto aos problemas e aos desafios postos pela realidade social.

Nessa ótica, a escola encontra-se envolvida com a constituição da identidade, entendida por Hall (2005) como um processo complexo, marcado por conflitos e relações de poder, que, como um elemento cultural, é reconstituída constantemente conforme os sujeitos se posicionam em relação aos discursos e aos sistemas de representação. Logo, a escola pode ser considerada como um dos espaços que interfere na construção da identidade negra. Assim, podemos indagar: como a identidade negra vem sendo tratada no interior da escola? Enquanto instituição, como olhamos para essa questão?

Diante de um cenário de naturalização do racismo, em que o/a negro/a é visto/a de forma quase consensual como culpado/a de suas próprias desgraças (RIBEIRO, 2006) e, por outro lado, com a existência de uma supervalorização do conhecimento eurocêntrico no currículo, verifica-se uma tentativa de obliteração da identidade negra na escola. Atinente a isso, Gomes (2003) ressalta que construir uma identidade negra é um desafio para os/as negros/as brasileiros/as, pois historicamente é ensinado para eles/as que é preciso negar-se a si mesmo para ser aceito.

A escola carece, portanto, de uma percepção crítica dessa questão étnico-racial, especialmente no que diz respeito ao povo negro. Segundo Gomes (1999), a escola é um espaço fértil para o debate, o questionamento, a reflexão e, por isso, possui um papel significativo na construção de representações e identidades negras positivas.

Com a ótica de que a educação escolar pode contribuir para o rompimento dos estereótipos que afligem a construção da identidade negra, diante de situações de negação de

identidade e, por conseguinte, de práticas racistas notadas no interior da escola, enquanto profissionais da educação, temos a intenção de provocar algumas reflexões, com base numa intervenção pedagógica realizada em uma turma de sexto ano do ensino fundamental II, de uma escola da cidade de Guanambi, Bahia.

Destarte, com o propósito de contextualização, considera-se pertinente, ainda que de forma breve, apresentar alguns pressupostos teóricos que embasam este trabalho.

Identidade: conceito

Nos últimos tempos, muito se tem falado sobre a identidade. Seu conceito perpassa por um processo de desconstrução e ressignificação que abala a ideia de uma identidade unificada.

Com essa compreensão, Hall (1997) defende que a identidade é um processo discursivo, formado culturalmente, mediante circunstâncias históricas e pessoais que levam o sujeito a assumir determinadas posições. Conforme este autor, a identidade é resultado de um processo de representações e consequentes identificações que permitem o indivíduo apropriar-se de significados e posicionar-se no interior dos discursos.

De acordo com Silva (2013), a identidade está estritamente ligada à diferença. A diferença, nesse caso, significa aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções. Isso ocorre por meio de sistemas simbólicos de representação. Desta maneira, a identidade afirma-se a partir também daquilo que ela não é; logo,

a identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA, 2013 p. 82).

Munanga (2012, p. 4) acresce ao dizer que

a diferença está na base de diversos fenômenos que atormentam as sociedades humanas. As construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seres e grupos humanos. As diferenças unem e desunem; são fontes de conflitos e de manipulações socioeconômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo

que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos.

Em consonância com o que os autores assinalam, a identidade e a diferença são construídas social e culturalmente, sustentadas por representações e discursos, produtos da linguagem e dos meios simbólicos. Isso significa que a identidade de um indivíduo é forjada ao longo do tempo, por meio de significados e representações que variam segundo o contexto em que ele se insere.

Nesse enlace, um elemento intrínseco é abordado: o discurso, um conjunto de enunciados permitidos que constitui o sujeito em um determinado momento histórico (FOUCAULT, 1992). Com esse entendimento, o discurso atrela-se à produção dos sentidos, formados por um conjunto de valores e crenças. Esses elementos caracterizam e conformam o contexto, bem como permitem aos sujeitos, que nele se encontram, pensar e agir de determinada forma e não de outra e, logo, formar a sua identidade (MEIRELLES, 2013).

Por esse ângulo, Foucault (1992) aponta que os discursos e as práticas discursivas influenciam o modo pelo qual o homem e a mulher vivem, pois nesses elementos os significados são validados e, por isso, podemos atribuir sentido à realidade social. Esse jogo de significação está estreitamente associado com as relações de poder, forças motrizes que dirão quais significados são validados ou não.

Tratando-se da identidade relacionada com etnia, Hall (2005) chama a atenção para as características culturais, a linguagem, as tradições e os costumes; isto porque a identidade étnica vai se reconfigurando ao longo do processo histórico. Portanto, a identidade deve ser pensada como uma construção cultural que acontece nos processos de representação. Desta maneira, a identidade negra não pode ser pensada como um passado essencializado, algo fixo, mas como um sistema de ressignificação dentro da história, da cultura e do poder.

Hall (2005) defende a tese segundo a qual a identidade é sempre construída na diferença, a partir da interação, do diálogo e do contraste com o outro. Em um quadro social demarcado por posições distintas entre os indivíduos, pode-se perceber a edificação de ríspidas fronteiras simbólicas que estabelecem condições binárias para a formação identitária. Tais condições baseiam-se, muitas vezes, em estereótipos, que colocam o sujeito negro como inferior e negativo em comparação com o branco, configurando-se, essa ação social, em racismo, tão presente em nossas relações e que assola a construção identitária do povo negro.

Identidade negra: alguns pressupostos sobre a sua construção na escola

Na articulação entre a construção identitária e a educação escolar, pode-se questionar o seguinte: como a identidade negra é vista no interior da escola? Enquanto profissionais da educação básica, atentamo-nos para as questões étnico-raciais em nossas ações pedagógicas?

Ao analisar esse assunto, considera-se, mormente, a histórica supervalorização do conhecimento europeísta e uma omissão da cultura, da história do/a negro/a no currículo escolar.

O/a negro/a tem data para ser lembrado/a, o que frequentemente acontece em festejos e práticas cômodas para a escola. Situações de discriminação racial também são comuns no contexto escolar, que acontecem em brincadeiras, zombarias e olhares; manifestações essas naturalizadas, concebidas pela escola como atitudes “normais”.

Pelas palavras, frases e ditos populares usados no cotidiano, revela-se o discurso dominante dentro das relações étnico-raciais. Em verdade, a imagem do/a negro/a é estereotipada e coisificada desde o período colonial, como justificativa para a dominação econômica, cultural e política. Essa representação do negro dá-se por fatos desencadeantes abalizados por uma conotação ruim, deformada quanto a sua cor, seu cabelo e sua cultura (GOMES, 2002).

Consoante Castro e Abramovay (2006), esses eventos, além de afetar a autoestima e o processo de aprendizagem do/a aluno/a, trazem a ação do branqueamento que o/a impede, também, de construir sua identidade étnica. Além do mais, no estado de silenciamento e invisibilidade do negro dentro da escola, é importante destacar a contradição falaciosa do mito da democracia racial. Ele atua como um dos pontos norteadores para a naturalização e institucionalização do racismo, especialmente na escola.

Como aludido acima, o Brasil se apresenta como uma nação etnicamente democrática, porém sua história deixa perceptível que os/as negros/as continuam em posições desiguais na sociedade brasileira. Embora haja avanços em alusão ao direito e ao reconhecimento da diversidade e da diferença, como, por exemplo, as ações afirmativas, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história, cultura afro-brasileira e africana, concretamente, as relações entre o/a negro/a e o/a branco/a não foram e não são igualitárias.

Esse cenário de negatividade em que o/a negro/a se encontra impede, de certo modo, a possibilidade de construir representações positivas em sua identidade étnico-racial. Por isso que, no espaço escolar, a criança negra pode passar por enfrentamentos que agridem sua imagem, provocando uma constituição negativa de sua identidade, e, como resultado, a sua recusa existencial.

Cavalleiro (2006), diante de situações de preconceito e de discriminação racial, afirma que a criança sente-se forçada a se aceitar como inferior. Com isso, rejeita o seu corpo e sua cultura, o que aflige a sua autoestima e a sua formação identitária.

Vinculado a esse pensamento, Gomes (2002) assinala que, na escola, encontra-se mais do que disciplinas e conteúdos. Há nela olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. Para esta autora, o olhar lançado sobre o/a negro/a nesse espaço pode discriminá-lo, isolá-lo e negá-lo, mas pode, outrossim, reconhecer a existência de identidades e diferenças, valorizando-as. Enquanto instituição social, cabe à escola desconstruir estereótipos e preconceitos do povo negro e permitir a construção do sentimento de pertencimento e de defesa da cultura e dos valores negros.

É preciso que a educação escolar permita-se abrir para as africanidades. Isso, de acordo com Fernandes e Souza (2016), é primordial para um diálogo transformador e humanizador, pois irá possibilitar que tanto o/a aluno/a negro/a quanto o/a branco/a desconstrua estereótipos em relação ao povo negro e a cultura afro e afro-brasileira.

Portanto, ressignificar a imagem do/a negro/a no Brasil, entendendo a articulação entre a educação e identidade negra, trata-se de um processo longo que requer, primeiramente, o reconhecimento de que o Brasil reproduz uma falsa ideia sobre a democracia racial.

Caminho metodológico

Este trabalho consiste, como foi salientado, em um relato de experiência sobre as ações desenvolvidas em uma turma de sexto (6º) ano do ensino fundamental II, de uma escola do município de Guanambi, região sudoeste do Estado da Bahia.

A instituição localiza-se numa região periférica da cidade e atende alunos/as da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II, oriundos/as de famílias de baixa renda, em sua maioria negros/as.

As intervenções pedagógicas foram realizadas durante as aulas de Educação Física com a professora responsável pela disciplina. Tais intervenções foram auxiliadas, com diálogos e sugestões de materiais, por uma professora de inglês da escola e por um professor de história da rede estadual de ensino.

Os fatores que impulsionaram as intervenções na turma do sexto ano foram a negação da identidade de alguns/mas alunos/as negros/as, ratificada por um sentimento de inferioridade, e a naturalização do racismo, corroborada por algumas práticas discursivas racistas em sala de aula, tais como: “chocolate”, “neguinho/a”, “neguinha do cabelo ruim/duro”, “cabelo de bucha”, “saci”, “macaco”. Esses fatos nos alertaram para a necessidade de uma intervenção na turma e de uma análise mais atenta para os problemas raciais no interior da escola.

As intervenções foram desenvolvidas com dinâmicas, debates, bate-papo, aulas expositivas. Nisso, foi analisada a música “Racismo é burrice”, de Gabriel, O Pensador, e apresentadas pesquisas que revelam alguns desafios enfrentados pelo/a negro/a nos meios midiáticos, nas relações de trabalho, na escola, bem como em outras instituições políticas e sociais.

As primeiras intervenções/reflexões ocorreram no momento em que os conflitos étnico-raciais foram vivenciados pela professora em sala de aula. Mas o aprofundamento analítico da situação-problema iniciou-se com uma dinâmica, ao utilizar etiquetas autocolantes contendo frases que inferiorizam e superiorizam o indivíduo. Essas etiquetas foram coladas pela professora, na testa de cada aluno/a sem que ele/a soubesse o que estava escrito. Após todos/as estarem devidamente “rotulados”, foi solicitado para que andassem pela sala e interagissem entre si, “orientados” pelo conteúdo escrito na etiqueta.

Os/as alunos/as negros/as receberam etiquetas com frases com sentidos positivos e valorativos, enquanto os/as considerados/as brancos/as receberam frases cujo teor semântico apresentava conotação de preconceito racial.

Após alguns minutos de interação entre os/as alunos/as, questionamentos foram feitos pela professora, relacionados à forma como cada um/a é tratado/a no cotidiano escolar em função dos estereótipos construídos na sociedade.

Em um segundo momento, a turma foi dividida em pequenos grupos; cada um recebeu relatos de diversas situações enfrentadas por uma pessoa negra. Posteriormente a leitura e interpretação, foi realizado um debate para refletir sobre as raízes dos problemas abordados, fazendo um diálogo com a história do povo negro e suas representações no Brasil. Para complementar e aprofundar essas discussões, aconteceu uma breve aula expositiva com leitura de imagens históricas paradas e em movimento (fotos, gravuras e vídeos), que apresentaram a África e sua cultura, assim como as suas influências no Brasil.

Resultados e discussões

O início das intervenções foi marcado por expressões de surpresa, resistência e desconforto de um número expressivo de alunos/as. Até então, era uma discussão nova, não esperada por eles/as. Com olhares, expressões e falas, questionavam: “Por que falar sobre isso?... Não, não, professora, não é necessário discutir isso... Deixa pra lá, professora...”.

Notaram-se algumas alunas negras com muito acanhamento, mesmo enfrentando a angústia do preconceito provocado pelos colegas. Essas alunas negras demonstraram que a discussão sobre a temática não precisava acontecer. Além disso, alguns alunos, que as tratavam de forma preconceituosa, alegaram a não existência do racismo em sala de aula, sendo a intervenção desnecessária. Para eles, todos os acontecimentos tinham uma acepção de brincadeira, não havendo nenhuma intenção de machucar ou excluir o outro, e, por isso, não constituía uma ação racista. Isso foi notório quando um aluno chegou a comentar que o colega não achava pejorativo o fato de ser chamado de “chocolate”, e que o colega rotulado reagia sempre com risos e simpatias.

Nesse comportamento dos/as alunos/as, sobressaem duas situações problemas: primeiro, um conflito de naturalização do racismo e o seu apaziguamento; segundo, a omissão da prática pedagógica perante as questões raciais, tendo em vista que o discurso racista e preconceituoso atravessa de forma significativa as vivências escolares, e, por outro lado, a reflexão sobre esse problema ainda é encarada com uma postura desdenhosa.

Esse conflito de naturalização do discurso racista, congregado com a omissão da educação, rebenta condições binárias que assolam a construção da identidade negra. Baseada em estereótipos, tal condição separa o indivíduo negro do branco sob um arranjo que define o primeiro como inferior, levando-o à construção de um sentimento de negatividade da sua

identidade, resultante de um processo de valorização e superioridade da cultura branca, como foi enfatizado por Castro e Abromovay (2006).

Já no início do trabalho de intervenção, foi também constatado um discurso de uma aluna negra no qual ela diz que todas as pessoas deveriam ser brancas e que, assim, não deveria existir pessoas negras. Questionada pela professora o porquê dessa afirmação, a aluna retraiu-se, mas sinalizou que o/a negro/a é feio/a, preguiçoso/a, e que o/a branco/a é digno do lugar em que está, pois trabalha mais, se esforça mais. Nesse contexto de negação, ela demonstrou sentir mágoas, ao afirmar que não gosta de meninos brancos.

Percebe-se, na construção discursiva da aluna, a cristalização de um sentimento negativo com relação a sua identidade. Com baixa autoestima, ela nega-se a si mesma e supervaloriza o/a branco/a. Isso pode ser resultante de uma sociedade cuja prática sociocultural hegemônica é a do sujeito branco, marcada por um processo educativo omisso intencional, que reproduz situações que levam às distinções raciais discriminatórias, forçando a criança a se sentir inferior em sua formação identitária (CAVALLEIRO, 2006).

Na dinâmica interacional mencionada, constatou-se que os/as alunos/as negros/as não se reconheciam no tratamento recebido. Embora tivessem com etiquetas nas quais havia palavras que passavam uma mensagem positiva e valorativa, eles/as enfrentaram a situação sem nenhum sentido significativo que impactasse em sua autorreferência positiva. Ao perguntar a uma aluna como havia se sentido, ela reagiu de forma frustrada, dizendo: “Me (sic) falaram um monte de coisa, tudo mentira”. Ela refere-se aos elogios recebidos, ciente de que ser negro não é sinônimo de bonito.

Casos como esse revelam a identidade negra afligida pela naturalização do racismo e o seu silenciamento, seja pela escola, enquanto lócus de formação ética, intelectual e cultural, seja pela sociedade civil em seu conjunto de instituições. Diante de uma conjuntura de manutenção de privilégios a um grupo hegemônico formado por brancos/as, diante da invisibilidade da história e da cultura afro e afro-brasileira, a criança cria em seu interior um “mundo” ífero, desprovido de beleza e de encantos.

Na tentativa de fomentar a desconstrução desses estereótipos, com reflexões sobre as falas das alunas, discutiram-se a história e a representatividade do/a negro/a no Brasil, mostrando os motivos pelos quais induziram a construção e a consolidação do racismo. Nesse ato dialógico, ratificou-se que o marco trágico da escravidão e suas consequentes feridas não aconteceram

porque um grupo é superior ao outro, ou porque o/a negro/a é fraco/a, mas por exploração e interesses econômicos.

Enquanto os/as alunos/as negros/as retraíam-se, os/as brancos/as mantinham-se “armados” com a defesa de que os apelidos, as piadas e as brincadeiras não têm a intenção de discriminar; são ações normais. Para sustentar essa prática, abordavam situações ocorridas fora da escola em que as vítimas não achavam ruim o tratamento auferido. Declararam, ainda, que a pessoa negra, atualmente, encontra-se numa situação confortável, com igualdade de direitos.

Ao dar prosseguimento às intervenções com os relatos racistas e com os dados de algumas pesquisas, bem como desconstruindo os significados das palavras “preto, negro, branco”, notaram-se expressões de repulsa e indignação de um grupo de alunos/as, principalmente da aluna que não se aceita como negra.

Quando posta a discrepância entre negros/as e brancos/as no mercado de trabalho, principalmente as diferenças salariais, e apresentada a pouca ocupação dos/as negros/as em cargos representativos importantes, relacionando-se isso com as dificuldades de mudanças no cenário das desigualdades sociais e raciais, os/as alunos/as, mesmo que timidamente, puseram-se a pensar e analisar como formas de injustiça. Nessa ocasião, o debate sobre a naturalização do racismo foi delineado e aprofundado, ampliando-se para a desconstrução do mito da democracia racial.

Direcionando-se a reflexão para a significação das palavras “negro”, “preto” e “branco”, com base em pesquisas em dicionário online, as expressões de surpresa e, novamente, de indignação apareceram, pois a maior parte dos sentidos atribuídos ao “preto” e ao “negro” imprime uma conotação negativa, enquanto que o sentido atribuído ao “branco”, uma conotação positiva.

Essa discussão teve o fito de chamar a atenção dos/as alunos/as para as significâncias negativas do termo negro, ao refletir o quanto determinadas expressões, empregadas de maneira jocosa, ou não, ilustram o racismo e explicam a ótica do discurso dominante e seu controle sobre os sentidos atribuídos à realidade social, com demarcação de fronteiras que validam ou excluem significações; fatores esses intrinsecamente pautados na construção identitária, como foi apontado por Foucault (1992) e Silva (2013).

Aprofundando a reflexão anterior e já concluindo as atividades, para que as discussões em torno da identidade negra não delineassem apenas a partir da ótica de um povo sofrido, massacrado e explorado – o que pode gerar atitudes de pena e de tristeza – foram analisadas

imagens mostrando as belezas da África e a influência da cultura africana na cultura brasileira, depoimentos de negros/as que se empoderaram por meio da resistência e que se destacaram numa sociedade não democrática e, em seguida, houve uma breve análise e vivência da música “Racismo é Burrice” de Gabriel O pensador.

Nesse ínterim, alguns/mas alunos/as ficaram pensativos, silenciosos/as, talvez em conflito com os valores apreendidos ao longo de sua formação. Outros/as, especialmente, as meninas negras, não mais receosas, mas com um olhar atento, sentiram-se recepcionadas. Elas, naquele momento, permitiram-se ser negras, de uma forma mais afirmativa. Isso mostra que o prosseguimento dessa reflexão pode levá-las à construção do sentimento de pertencimento e de defesa de sua história, sua cultura e seus valores.

Nessa conclusão do trabalho, realizou-se uma avaliação oral das atividades desenvolvidas. Timidamente, os/as alunos/as consideraram as ações como positivas, de modo que alguns meninos chegaram a assegurar que as práticas racistas na turma seriam sanadas.

Observou-se que a turma, mesmo com resistência e acanhamento, colocou-se a pensar sobre a problemática, o que talvez seja um passo significativo para a compreensão e análise do estigma da desigualdade étnico-racial que caracteriza a sociedade brasileira e marginaliza a pessoa negra.

Considerações finais

As reflexões aqui tratadas tiveram como objetivo discutir, ainda que de forma pouco aprofundada, a identidade negra relacionada com a educação escolar, dentro de um cenário de práticas racistas. Assim, considerando as discussões permitidas e propostas, mesmo com resistência, entendemos essa intervenção como um posicionamento de reflexão sobre os estereótipos que delimitam fronteiras na construção da identidade negra.

Certos de que a construção de representações positivas sobre o/a negro/a no espaço escolar vai além de uma intervenção pontual, acreditamos que o debate sobre as questões étnico-raciais carece de continuidade, pois se trata de um processo de ressignificação de uma pedagogia sedimentada na escola. Isso requer um abalo sobre as relações de poder presentes no sistema educacional brasileiro, abrindo espaços para as africanidades e permitindo que, desde cedo, o/a

aluno/a entre em contato com a diversidade étnico-racial e construa representações positivas da identidade negra.

Portanto, esta intervenção configurou-se para nós, enquanto profissionais da educação, em uma fonte reflexiva e instigadora para um olhar mais atento e aprofundado acerca das questões étnico-raciais, sobretudo no que diz respeito à identidade negra no contexto escolar.

Referências

CASTRO, Mary Garcia (Coord.); ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Relações Raciais na Escola: Reprodução da Desigualdade em Nome da Igualdade**. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escola: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, Viviane Barboza; CORTEZ, Maria Cecilia; SOUZA Christiano De. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63. abr. 2016 (p. 103-120). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n63/0020-3874-rieb-63-0103.pdf>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro. Graal, 1992.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação. *In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola*. Brasília: MEC, 1999.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Universidade Federal de Minas Gerais. **Educação e Pesquisa**. vol.29 no.1 São Paulo Jan./June 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002, p. 42.

HAAL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. São Paulo: DP&A Editora, 2005.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *In: Media and Cultural Regulation*. THOMPSON, Kenneth. Educação & Realidade, Inglaterra em 1997.

MEIRELLES, Maximiano Martins. **Identidades em Travessia: representações de estudantes de letras sobre ser professor de língua portuguesa**. 2013, 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. 2012

Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf>

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes: 2013. p. 73-102.